

humanitas

Vol. XLVII - Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO I
MCMXCV

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



DELFIN F. LEÃO
Universidade de Coimbra

RETRATO FÍSICO DE SÓCRATES NAS *NUVENS* E EM PLATÃO — BREVE APONTAMENTO *

Falar de comédia antiga é situarmo-nos na Atenas do séc. V a.C. É verdade que as origens deste género dramático se perdem na raiz dos tempos, mas o seu reconhecimento oficial seria bastante posterior ao da tragédia, porquanto o primeiro concurso de poetas trágicos se deu em 534 e o correspondente cómico apenas em 486. Assim, quase que se pode dizer que o desenvolvimento da comédia antiga é paralelo à projecção que Atenas vai ter depois das Guerras Medo-Persas; com a sua cidade vai conhecer o auge e com ela, também, vai definhando até evoluir definitivamente para a *véa*. Atenas não mais recuperaria a importância que então conhecera e a comédia perderá, igualmente, a exuberância que a caracterizava, para deixar os assuntos da ágora e se fixar nos melindres caseiros da alma humana¹.

Na conquista do seu lugar de honra ao lado da tragédia, a comédia teve de se conformar às exigências de um género *político*, no sentido não adulterado do termo: um tipo de criação literária que mantinha relações estreitas com a *πόλις*. Esse papel didáctico conseguiu-o ela através do *ὄνομαστὶ κωμωιδεῖν*, a invectiva nominal. Alvos preferenciais desta sátira, só possível dentro da liberdade que facultava a democracia ateniense-

* Aqui deixo expresso o meu reconhecimento, pelas observações que me fez a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira relativamente a este pequeno estudo, que constituía, sem que ela o soubesse, a minha tímida homenagem à sua carreira ímpar. Agradecido estou também ao Dr. C.A. Louro Fonseca, pelas sugestões que se prendem com a tradução de certos passos em grego.

se, foram as figuras dos demagogos. Os ‘condutores do povo’ tornavam-se cada vez mais frequentes com o avanço da Guerra do Peloponeso. E se alguns, como Péricles, que ainda assistiu à eclosão deste conflito, levaram a cidade e seus habitantes a uma glória imorredoura, certo é que outros houve que excitaram os humores do povo apenas em proveito próprio. É desses, sobretudo, que reza a história, e nomes como Cléon e Hipérbolo são atingidos repetidamente pelas palavras impiedosas da musa cómica.

A sátira, contudo, conhecia também outros campos de acção, até porque a invectiva política se tornava, com a insegurança trazida pela guerra, cada vez mais arriscada. É assim que o trágico mais inovador — Eurípidés — se viu repetidas vezes parodiado e metido a ridículo. A crítica literária, visível em todas as obras de Aristófanes, está presente, de maneira especial, nos *Acarnenses*, *Mulheres que celebram as Tesmofórias* e *Rãs*, onde aquele trágico aparece como personagem cómica. A referência a Aristófanes é obrigatória, pois o que da comédia antiga sabemos devêmo-lo essencialmente a este poeta. (De nomes como Êupolis² e Cratino mais não conhecemos do que alusões e fragmentos breves.) Todos os temas que referimos nele se encontram e outros ainda, que se prendem directamente com os objectivos deste pequeno estudo³.

Uma polémica sempre actual era a que envolvia os antigos e os modernos e a da educação, que parece constituir o assunto de uma das primeiras produções de Aristófanes, *Δαιταλῆς*, os *Convivas*, de 427. É, no entanto, apenas nas *Nuvens* (423) que esse problema é equacionado de forma sistemática. À educação antiga que «criou os guerreiros de Maratona» (v. 986: *ἀνδρας Μαραθωνομάχας ... ἔθρεψεν*)⁴ se opõe a educação moderna, a dos Sofistas, com os quais Sócrates é aqui confundido⁵. Aparece como director de uma escola — *Φροντιστήριον* — onde se estuda astronomia e outras ciências e ainda as capacidades da retórica e

¹ Sobre toda esta problemática, vide Maria de Fátima Sousa e Silva, *Crítica do teatro na comédia antiga*, (Coimbra, 1987), em especial as primeiras 103 p. Considerar, ainda, o recente estudo de Simon Byl, «La comédie d’ Aristophane, un jeu de massacre», *LEC* 57 (1989) 113-126.

² Cf. e.g. *Nuvens*, v. 553 sqq.

³ Raymond K. Fisher, «The relevance of Aristophanes: a new look at *Clouds*», *G&R* 35 (1988) 23-28, tem dificuldade em aceitar outra intenção em Aristófanes que não seja simplesmente a de fazer rir.

⁴ O texto das *Nuvens* que se usa é o editado por K.J. Dover (Oxford, 1968).

⁵ A relação do pensamento do Sócrates histórico com o que aparece nas *Nuvens* constitui um problema muito complexo, que se não vai tratar aqui, pois o assunto que nos ocupa é o da caracterização física do filósofo.

da dialéctica. A verdade é que nenhuma destas características será de aplicar a Sócrates. Na *Apologia*, 26c-d, o filósofo afirma o seu distanciamento face às teorias de Anaxágoras. E o *Fédon*, 96a-c e 97b-98c, informa que, na sua juventude, Sócrates se interessara pelas ciências da natureza, entusiasmo que o levava a ler Anaxágoras, embora depressa o pusesse de lado, por não concordar com a forma como ele se servia do *voûç*. Por seu lado, os Sofistas, provenientes de todas as partes do mundo grego⁶, afluíam a Atenas, então a cidade mais florescente, e deslumbravam os jovens que acorriam ao seu ensino, regamente pago, para grande escândalo dos contemporâneos. Entre os ensinamentos ministrados, constavam também exercícios de retórica e dialéctica, que conseguiam, até, fazer prevalecer a causa melhor sobre a pior — tais as potencialidades do discurso. Isso pressupõe a descrença nos valores morais, algo de que se não poderia acusar Sócrates, pois, entre outros objectivos, procurava despertar o desejo da virtude.

O certo é que, na *Apologia* (19c), Platão aponta as *Nuvens* entre as acusações antigas que contribuíram para a perda do mestre⁷:

Ταῦτα γὰρ ἑωρᾶτε καὶ αὐτοὶ ἐν τῇ Ἀριστοφάνους κωμῳδίᾳ, Σωκράτη τινὰ ἐκεῖ περιφερόμενον, φάσκοντά τε ἀεροβατεῖν καὶ ἄλλην πολλὴν φλυαρίαν φλυαροῦντα, ὃν ἐγὼ οὐδὲν οὔτε μέγα οὔτε μικρὸν πέρι ἔπαίω.

Era isto mesmo que vocês podiam ver na comédia de Aristófanes: um tal Sócrates levado ao longo da cena, a dizer que andava pelos ares e a lançar toda uma série de outros disparates de que eu não percebo nem muito nem pouco.

Mas curioso será notar, igualmente, que o mesmo Platão, no *Banquete*, coloca Sócrates e Aristófanes, em casa de Ágaton, como amigos, a discutirem, tal como os demais convivas, a natureza e efeitos do amor. E não esqueçamos que o mesmo público que aplaudiu os *Cavaleiros* calorosamente não deixou de eleger a vítima da sátira, o demagogo Cléon. Não se deve, por conseguinte, exagerar as consequências negativas desta crítica aristofânica. Os Atenienses estavam suficientemente familiarizados com a invectiva pessoal para com ela se divertirem sem a levarem demasiado a sério⁸.

⁶ Apenas Antífonte e Crítias eram de Atenas.

⁷ Para Platão adopta-se o texto de I. Burnet, *Bibliotheca Oxoniensis*, nas reimpressões de 1946 (Tomo I) e de 1964 (Tomo II).

⁸ Byl, *art. cit.*, inclina-se, igualmente, para esta possibilidade: «Si Platon en avait, je le répète, voulu à Aristophane et s' il l' avait réellement tenu pour responsable

Se, com justiça, podemos duvidar da personalidade do Sócrates das *Nuvens*, talvez não estejamos tão autorizados a fazê-lo relativamente ao retrato físico apresentado. Na tentativa de elucidar essa questão, propomo-nos analisar os passos da comédia onde o filósofo é descrito e confrontá-los com informações dadas em certos diálogos de Platão.

O primeiro traço caricaturado é o do intelectual, a que sempre anda ligada a ideia de palidez, decorrente das longas horas dedicadas ao estudo, longe do bulício da vida e do sol. Esta característica é-nos salientada quer pelas descrições de Sócrates quer dos seus mais directos acompanhantes. Consideremos as *Nuvens*.

Estrepsíades tenta convencer o filho a frequentar, como única solução para os problemas da casa, o ensino do Pensadoiro, prodigalizando elogios aos seus ocupantes. Mas a opinião de Fidípides é bem diferente (vv. 102-104):

Αἰβοῖ, πονηροί γ', οἶδα. Τοὺς ἀλαζόνας,
τοὺς ὠχρῶντας, τοὺς ἀνυποδήτους λέγεις,
ὄν ὁ κακοδαίμων Σωκράτης καὶ Χαιρεφῶν.

Bah! Uns bandidos, que bem conheço eu! Estás a falar dessa cambada de fanfarrões, desses amarementos, desses maltrapilhos de pé-descaço, onde se encontram o miserável do Sócrates e do Querefonte⁹.

O aspecto que interessa agora salientar é o da cor macilenta da pele, ὠχρῶντας, que nem o pobre, que trabalhava debaixo do sol, nem o rico, praticante de desportos ao ar livre, teriam. Era própria desses seres estranhos que passavam o tempo fechados em meditação, uma perspectiva que nada agradava ao atlético Fidípides (vv. 119-120):

Οὐκ ἂν πιθοίμην· οὐ γὰρ ἂν τλαίην ἰδεῖν
τοὺς ἰπέας τὸ χρῶμα διακεκναισμένος.

Podes tirar o cavalinho da chuva; não tenho lata para aparecer aos meus amigos cavaleiros todo sumido de cores.

du procès et de la mort de Socrate, jamais il ne lui aurait accordé cette place d'honneur dans son *Banquet*. [...] Platon, en insinuant que les accusations portées en 399 contre Socrate étaient fondées sur un tas d'absurdités provenant de la comédie, a eu l'intention de discréditer l'accusation judiciaire» (125).

⁹ Querefonte, nos vv. 104, 144 sq., 839 sq. e 1465, parece partilhar com Sócrates a orientação da escola. Porém, nos vv. 502 sqq. é considerado um dos alunos e não participa na preparação de Fidípides. Na *Apologia*, 21a, Sócrates refere-se a Querefonte como amigo de longa data e como responsável pelo oráculo pedido a Apolo, em Delfos, sobre se haveria alguém mais sábio do que o filósofo, ao que a Pítia respondera negativamente. A resposta levava Sócrates a empreender a campanha de interrogar os homens considerados sábios, para compreender o significado do oráculo. Concluiu que a sua sabedoria residia, afinal, no reconhecimento da própria ignorância.

A tónica é colocada na mesma consequência do esforço intelectual: τὸ χροῶμα διακεκναισμένος. Ao ver Estrepsíades que vãs eram as instâncias junto do filho, resolve tentar ele mesmo a aprendizagem. O primeiro contacto que tem com os seus futuros colegas não deixa de confirmar o que incomodava Fidípides havia pouco (vv. 184-186):

Στ. ᾠ Ἡράκλεις, ταυτὶ ποδαπὰ τὰ θηρία;
Μα. Τί ἐθαύμασας; τῷ σοι δοκοῦσιν εἰκέναι;
Στ. Τοῖς ἐκ Πύλου ληφθεῖσι, τοῖς Λακωνικοῖς.

Estr. Homessa, mas que raio de bichos são estes?

Disc. Não é caso para tal espanto! Em tua opinião, com quem se parecem eles?

Estr. Com os Lacedemónios capturados em Pilos¹⁰.

Ao classificar os alunos de θηρία, Estrepsíades acentua a estranheza que constituía para um grego este tipo de vida reclusa, indício seguro da presença de uma *avis rara*. Como explica o discípulo de Sócrates, estes espécimes são pessoas eleitas, cujo intelecto poderia sofrer graves danos ao contacto com aragens malsãs (vv. 198-199):

Ἄλλ' οὐχ οἶόν τ' αὐτοῖσι πρὸς τὸν ἀέρα
 ἕξω διατρίβειν πολλὴν ἄγαν ἐστὶν χρόνον.

Nem pensar! Eles não podem ficar cá fora, ao ar livre, durante muito tempo.

O ancião, porém, ia disposto a vingar no estudo, por mais sacrifícios que a empresa acarretasse. Apresentado, finalmente, ao mestre da escola, o novo aluno procura sondar o que o futuro lhe reservaria (vv. 500-504):

Στ. Εἰπὲ δὴ νυν μοι τοδί·
 ἦν ἐπιμελῆς ᾧ καὶ προθύμως μανθάνω,
 τῷ τῶν μαθητῶν ἐμπερῆς γενήσομαι;
Σω. Οὐδὲν διοίσεις Χαιρεφῶντος τὴν φύσιν.
Στ. Οἷμοι κακοδαίμων, ἡμιθνής γενήσομαι.

Estr. Ora diz-me lá uma coisa: se eu for diligente e me aplicar ao estudo, com qual dos teus alunos me parecerei?

Sócr. Quanto ao físico, vais ficar um Querefonte¹¹, sem tirar nem pôr.

Estr. Estou bem tramado; vou mas é ficar meio morto!

¹⁰ Estrepsíades refere-se aos Espartanos feitos prisioneiros em Esfactéria no Verão de 425 e retidos em Atenas até à Primavera de 421 (as *Nuvens* são de 423). Como os Espartanos não se rendiam com facilidade, mantê-los em cativeiro ajudava a erguer o moral de Atenas. É natural que se encontrassem pálidos, passados dois anos na reclusão.

¹¹ Vide n. 6.

As perspectivas não eram, de facto, animadoras. Algum tempo depois, é com sentido desalento que Estrepsíades confessa ao coro tudo ter perdido com a iniciação na misteriosa ciência do Pensadoiro (vv. 716-722):

Xo. Μή νυν βαρέως ἄλγει λίαν.

Στ. Καὶ πῶς; "Ὅτε μου
φροῦδα τὰ χρήματα, φρούδη χροιά,
φρούδη ψυχή, φρούδη δ' ἐμβάς,
καὶ πρὸς τούτοις ἔτι τοῖσι κακοῖς
φρουρᾶς αἰδῶν
ὀλίγου φροῦδος γεγένημαι.

Co. Não leves isso tanto a peito!

Estr. E como não? Se é que se me foram os bens, se me foi a cor da pele, se me foi o alento, se me foi o calçado; e, como se não bastassem todas estas desgraças, enquanto matava o tempo¹², por pouco me não fui eu também.

Entre as perdas múltiplas, salientadas pela repetição do adjectivo φροῦδος em *polyptoton*, encontra-se uma vez mais a cor da pele — χροιά — reflexo do afastamento dos afagos do sol. O velho compreendéra, finalmente, que a sua cabeça andava estéril para as subtilezas do verbo. Segue o conselho do coro (vv. 794-796) e convence o filho a receber os ensinamentos da escola de Sócrates. Fidípides aceita, relutante, ao prever o único resultado possível do esforço escolar (v. 1112):

Ἦχρὸν μὲν ὄν οἶμαι γε καὶ κακοδαίμονα.

Sim, amarelo e desgraçado, já me estou a imaginar.

Esses receios vêm a confirmar-se. Mas o instruído Fidípides já se não incomoda com a nova aparência, nem sequer o pai, que vê na palidez do filho a perspectiva de dias mais desanuviados para o coração e para a carteira (v. 1171b):

Ἦς ἡδομαί σου πρῶτα τὴν χροιάν ἰδόν.

Antes de mais, como me alegre contemplar essa tua cor.

Πρῶτα ilustra bem que tal predicado, que o ancião tem o gosto de observar agora no filho, é, sem dúvida alguma, ilustrativo de um intelecto superior.

¹² À letra, 'a cantar enquanto montava a guarda'. Era uma expressão proverbial usada para referir o tempo que se passava a fazer qualquer coisa aborrecida ou desconfortável, como o caso de se estar de sentinela.

Dos exemplos analisados parece ficar claro que Aristófanes pretendia parodiar, com a figura de Sócrates, a imagem do estudioso enclausurado, uma devoção ao saber de que é primeira vítima a sua pele. A verdade é que este traço físico não podia ser atribuído ao filósofo, que empreendia as suas interpelações constantes nos lugares mais frequentados, onde se praticava desporto e se expunham os corpos ao sol, como o ginásio e a ágora¹³. Há, contudo, outros aspectos que importa considerar. Do retrato de Sócrates, atentemos primeiro nos traços que se prendem com as demais características físicas; depois, certos comportamentos e hábitos como os de higiene; finalmente, as qualidades relativas à sua capacidade de resistência.

Ainda antes de entrar no Pensadoiro, ao falar com um dos discípulos, Estrepsíades fica com muita curiosidade acerca do que naquela escola se aprenderia. Porém, só consegue ouvir o relato de alguns dos estudos praticados quando assevera que se encontra ali para se tornar aluno. Uma das questões fora levantada pela entrada em cena de uma pulga, como explica o discípulo (vv. 146-147):

Δακοῦσα γὰρ τοῦ Χαιρεφῶντος τὴν ὀφρῦν
ἐπὶ τὴν κεφαλὴν τὴν Σωκράτους ἀφῆλατο.

Depois de ferrar uma dentada nas sobrancelhas de Querefonte, pulou para a cabeça de Sócrates.

Tem-se discutido a propósito deste passo se o filósofo era ou não calvo na altura em que as *Nuvens* foram escritas, ou seja, quando Sócrates rondaria os 45 anos. Essa alegação, presente em vários autores, pode ser apenas uma inferência do v. 147, que não é muito explícito. Dover¹⁴ dá uma sugestão tentadora: a de que esta ideia poderia provir do facto de Sócrates ser caracterizado com a aparência de um sátiro. Ora estes são figurados, habitualmente, nos vasos, como sendo calvos. Esse traço físico suplementar poderia ter sido associado ao filósofo por esta via, sem corresponder à realidade. Consideremos, por conseguinte, os passos de Platão

¹³ Muitos dos diálogos platónicos têm este cenário como pano de fundo — *Cármides*, *Eutidemo*, *Laques*, *Lísias* e *Teeteto* — bem como os próprios *Memoráveis* de Xenofonte. Cf M.H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, I (1993) 452-453. Por outro lado, como salienta Dover, *op. cit.*, xlii, esta palidez filosófica de Sócrates está em contradição com o facto de ele ser capaz de suportar as provações da natureza fora de casa, como iremos ver.

¹⁴ *Op. cit.*, pp. xxxii-xxxiii.

onde tal retrato é feito. O mais significativo é o que nos dá Alcibíades no *Banquete* (215a-b):

Φημί γὰρ δὴ ὁμοιώτατον αὐτὸν εἶναι τοῖς σιληνοῖς τούτοις τοῖς ἐν τοῖς ἐρμογλυφείοις καθημένοις, οὐστινας ἐργάζονται οἱ δημιουργοὶ σύριγγας ἢ αὐλοὺς ἔχοντας, οἳ διχάδε διοιχθέντες φαίνονται ἐνδοθεν ἀγάλματα ἔχοντες θεῶν. Καὶ φημί αὖ εἰοικέναι αὐτὸν τῷ σατύρῳ τῷ Μαρσύαι. “Ὅτι μὲν οὖν τό γε εἶδος ὁμοῖος εἶ τούτοις, ὃ Σώκρατες, οὐδ’ αὐτὸς ἄν που ἀμφισβητήσῃς.

Afirmo, portanto, que ele é em tudo semelhante àqueles silenos que estão expostos nas oficinas dos estatuários e que os artesãos representam com uma siringe¹⁵ ou uma flauta; quando os abrimos em dois, mostram guardas, no interior, imagens dos deuses. Acrescento, ainda, que ele tem parecenças com o sátiro Mársias. Pois a verdade é que, no que diz respeito à figura, te pareces com eles, Sócrates; nem mesmo tu o irás contestar, certamente.

O que Alcibíades pretende salientar é que, não sendo Sócrates atraente, numa sociedade que apreciava profundamente a beleza física¹⁶, mais nele se distinguia a excelência do intelecto. É como os ἀγάλματα que, apesar de não serem muito belos por fora, encerram dentro algo de mais precioso. É o que o mesmo interlocutor reafirma, logo a seguir (216d)¹⁷:

Ἐνδοθεν δὲ ἀνοιχθεὶς πόσης οἴεσθε γέμει, ὃ ἄνδρες συμπόται, σωφροσύνης;

Depois de o abrimos, fareis ideia, amigos convivas, de toda a sabedoria com que o seu interior transborda?

Noutra obra, no *Teeteto*, quando Teodoro fala do pupilo homónimo do diálogo a Sócrates, diz que o aluno tem um aspecto idêntico ao do filósofo. Recordemos este passo (143e):

Νῦν δέ — καὶ μὴ μοι ἄχθου — οὐκ ἔστι καλός, προσέοικε δὲ σοὶ τήν τε σιμότητα καὶ τὸ ἔξω τῶν ὀμμάτων ἤττον δὲ ἢ σὺ ταῦτ’ ἔχει.

Ora acontece — e não me leves a mal dizê-lo — que ele não é bonito: tem como tu o nariz achatado e os olhos salientes; mas nele, esses traços encontram-se menos acentuados do que em ti.

¹⁵ Siringe ou flauta de Pã, por oposição à flauta de dois tubos, esta última frequentemente atribuída ao engenho de Mársias.

¹⁶ Lembremos, apenas a título de exemplo, que em Atenas, por ocasião das Panateneias, se realizavam concursos de εὐανδρία, provavelmente competições de perfeição masculina.

¹⁷ Esta ideia é expressa noutros pontos do mesmo diálogo: 218e, 221d-222a.

É, efectivamente, a imagem de Sileno que aqui encontramos, onde uma vez mais brilha uma inteligência fora do vulgar¹⁸. Será curioso, neste ponto, lembrarmos a prece com que Sócrates termina o *Fedro*, um desejo de que o filósofo parece ser o exemplo acabado (279b):

ᾠ φίλε Πάν τε καὶ ἄλλοι ὅσοι τῆιδε θεοί, δοίητέ μοι καλῶι γενέσθαι τάνδοθεν· ἔξωθεν δὲ ὅσα ἔχω, τοῖς ἐντὸς εἶναί μοι φίλια.

Pã amigo e vós outros deuses, quantos habitais este lugar: concedei-me a graça da beleza interior; que tudo o que possuo de exterior possa estar de acordo com o que dentro encerro.

Consideremos, agora, aspectos relacionados com o comportamento adoptado pelo filósofo em ocasiões várias. Começemos pelas alusões das *Nuvens*. Já no Pensadoiro, Sócrates faz uns primeiros testes à sagacidade do novo aluno que se prepara para a iniciação. Terminada esta, o professor invoca a protecção das divindades etéreas. O coro de nuvens aparece, saúda os dois circunstantes e, a seguir, explica porque é que dispensa o seu apoio ao director da escola (vv. 361-363):

... σοὶ δὲ
ὅτι βρενθύει τ' ἐν ταῖσιν ὁδοῖς καὶ τῶφθαλμῷ παραβάλλεις
κάνυπόδητος κακὰ πόλλ' ἀνέχει κάφ' ἡμῖν σεμνοπροσωπεῖς.

... e a ti, porque te mostras todo emproado pelas ruas, lanças olhares de soslaio, suportas tantas provações descalço e a nós te diriges com modos solenes.

Deixemos de lado os outros aspectos, que comentaremos daqui a pouco, para nos concentrarmos nos olhares sugestivos do filósofo. É o mesmo Alcibíades quem, no *Banquete*, ao referir a coragem de Sócrates na batalha de Délio, menciona a forma como ele a todos olhava. Este passo (221b), como se sabe, é particularmente curioso porque ecoa claramente as *Nuvens*:

Ἐπειτα ἔμοιγ' ἐδόκει, ᾧ Ἄριστόφανες, τὸ σὸν δὴ τοῦτο, καὶ ἐκεῖ διαπορεύεσθαι ὥσπερ καὶ ἐνθάδε, βρενθυόμενος καὶ τῶφθαλμῷ παραβάλλων, ἡρέμα παρασκοπῶν καὶ τοὺς φιλίους καὶ τοὺς πολεμίους, δῆλος ὢν παντὶ καὶ πάνυ πόρρωθεν ὅτι εἴ τις ἄψεται τούτου τοῦ ἀνδρός, μάλα ἐρρωμένως ἀμυνεῖται.

¹⁸ Realidade explorada um pouco adiante: 144d-145b.

E depois eu ficava com a ideia — para usar as tuas palavras, Aristófanes — que ele se deslocava lá como o fazia aqui, mostrando-se todo emproado e lançando olhares de soslaio, enquanto mirava tranquilamente tanto os amigos como os inimigos; era para todos evidente, e de bem longe, que se alguém ousasse atacar um homem assim ele se defenderia com grande ardor.

Estrepsíades, ao compreender que não fora feito para as subtilezas da retórica e da dialéctica, procura, pela segunda vez, convencer Fidípides a frequentar o Pensadoiro. Antes de exhibir perante o filho o pouco que aprendera, empenha-se na defesa da idoneidade dos habitantes daquela escola (vv. 833-837):

Εὐστόμει

καὶ μηδὲν εἴπητις φλαῦρον ἄνδρας δεξιούς
καὶ νοῦν ἔχοντας, ὧν ὑπὸ τῆς φειδωλίας
ἀπεκείρατ' οὐδεὶς πάποτ' οὐδ' ἠλείψατο
οὐδ' εἰς βαλανεῖον ἦλθε λουσόμενος·

Põe-me tento nessa língua e não difames homens às direitas e de tino na cabeça. Lá em casa, por uma questão de poupança, nenhum deles vai à tosquia, nem se besunta com óleo, nem vai ao balneário tomar a sua banhoca.

Esta falta de higiene, extensiva também ao director, parece encontrar alguns ecos em Platão. No início do *Banquete*, vemos como Aristodemo encontrara Sócrates que se preparava para ir à festa oferecida por Ágaton (174a):

Ἔφη γάρ οἱ Σωκράτη ἐντυχεῖν λελουμένον τε καὶ τὰς βλαύτας
ὑποδεμένον, ἃ ἐκεῖνος ὀλιγάκις ἐποίει·

Disse-lhe que encontrara, por mero acaso, Sócrates que vinha do banho e tinha calçado umas sandálias, coisas que poucas vezes fazia.

Quanto ao facto de não usar sandálias, já vimos duas referências nas *Nuvens* — v. 103 (ἀνυποδήτους) e v. 363 (κἀνυπόδητος) — a que podemos juntar uma outra, que se encontra na abertura do *Fedro* (229a), onde quem fala é a personagem que dá o nome ao diálogo:

Εἰς καιρόν, ὡς ἔοικεν, ἀνυπόδητος ὧν ἔτυχον· σὺ μὲν γὰρ δὴ ἀεὶ.

Vem mesmo a calhar, ao que parece, eu estar descalço: tu, é claro, tens já esse hábito.

Se, por um lado, esta aparente falta de higiene é aproximável da resistência de Sócrates relativamente à adversidade em geral, o certo é

que o facto não deixava de parecer censurável e estranho aos olhos do ateniense comum¹⁹. Já vimos como era corajoso em combate²⁰ e como suportava o desconforto²¹, mas outros traços se podem acrescentar.

Ao ministrar os ensinamentos a Estrepsíades, Sócrates e o coro²² recordam-lhe certos predicados que deve ter o estudante aplicado e que o ancião julga possuir (vv. 420-422):

Ἄλλ' εἵνεκα γε ψυχῆς στερρᾶς δυσκολοκοίτου τε μερίμνης
καὶ φειδωλοῦ καὶ τρυσιβίου γαστρὸς καὶ θυμβρεπιδείπνου,
ἀμέλει, θαρρῶν εἵνεκα τούτων ἐπιχαλκεύειν παρέχοιμ' ἄν.

Ora bem! Se é lá por ter um espírito firme, um zelo de vencer o sono, um estômago comedido e afeito à privação, que se cala com uma saladita, podes ficar descansado. À conta disso não tenho eu problemas em ser o bombo da festa.

A verdade é que Sócrates tinha estas qualidades e outras ainda, como podemos ouvir no *Banquete* (219e-220c)²³, da boca de Alcibíades:

Πρῶτον μὲν οὖν τοῖς πόνοις οὐ μόνον ἐμοῦ περιῆν, ἀλλὰ καὶ τῶν ἄλλων ἁπάντων — ὅπότε' ἀναγκασθεῖμεν ἀποληφθέντες που, οἷα δὴ ἐπὶ στρατείας, ἀσιτεῖν, οὐδὲν ἦσαν οἱ ἄλλοι πρὸς τὸ καρτερεῖν. [...] Πρὸς δὲ αὐτὰς τοῦ χειμῶνος καρτερήσεις — δεινοὶ γὰρ αὐτόθι χειμῶνες — θαυμάσια ἠργάζετο. [...] Συννοήσας γὰρ αὐτόθι ξωθέν τι εἰστήκει σκοπῶν.

Antes de mais, o certo é que, face às provações, não só era mais resistente do que eu, mas ainda do que todos os outros. Quando, por estarmos retidos nalgum ponto, como acontece em tempo de campanha, nos víamos obrigados a ficar sem comer, nenhum dos outros igualava a sua firmeza. [...] No que diz respeito a suportar os rigores do inverno — lá que os invernos são terríveis — ele fazia coisas de espantar. [...] Pusera-se a meditar e nesse local ficara de pé, desde manhãzinha cedo, na busca de qualquer coisa.

¹⁹ Cf. Peter Karavites, «Socrates in the *Clouds*» *CB* 50 (1974) 65-69, p. 68: «To him [o ateniense comum] Socrates was the antithesis of everything with which he was familiar. Socrates seldom bathed.»

²⁰ *Banquete* 221b, a que podem juntar-se 220d-221a e *Apologia* 28e.

²¹ *Nuvens*, vv. 361-363.

²² Vv. 412-419 e 700-705. Cf. ainda 439-442.

²³ Todo o passo é uma exaltação da resistência de Sócrates. Por uma questão de economia de espaço salientam-se apenas as partes mais significativas.

Nas *Nuvens*, o coro aconselhara Estrepsíades a afastar-se do vinho²⁴. O Sócrates de Platão aprecia a bebida²⁵, mas não deixa que esta lhe tolde o espírito, como afirma Alcibiades no *Banquete* (214a):

Πρὸς μὲν Σωκράτη, ὃ ἄνδρες, τὸ σοφισμὰ μοι οὐδέν· ὅποσον γὰρ ἂν κελεύῃ τις, τοσοῦτον ἐκπιὼν οὐδέν μᾶλλον μὴ ποτε μεθυσθῆι.

Com Sócrates, meus amigos, não preciso de expedientes: quanto o exortarem a beber, é o que beberá, sem que isso alguma vez o leve a ficar mais animado.

Embora não fizesse parte deste pequeno estudo a consideração das ideias veiculadas pelo Sócrates das *Nuvens*, foi dito que não correspondiam à visão que nos dão do filósofo as outras fontes (Platão, Xenofonte e Aristóteles)²⁶. Se parece ser verdade que ele se terá interessado, quando jovem, pelas ciências da natureza, depressa abandonou esse campo de estudo. Por outro lado, a busca da virtude que postulava não permitiria que defendesse o ensino da retórica e da dialéctica sem olhar a referentes éticos, como faziam os Sofistas, embora talvez seja de admitir que seria esta a ideia que o cidadão comum tinha de Sócrates²⁷.

Porém, quanto ao retrato físico que dele faz Aristófanes, somos levados a crer que as coisas se passaram de modo diferente. Em Sócrates e seus presumíveis alunos, o comediógrafo critica a figura do intelectual enclausurado, cujo principal traço identificativo é a palidez da pele. Vimos que esta característica não a teria o filósofo, dado que passava grande parte do seu tempo ao ar livre. Mas no respeitante à sua figura de Sileno, à coragem mostrada em combate, à resistência à adversidade em geral, os textos comparados mostram paralelos muito próximos do Sócrates de Platão. Em nada nos deve surpreender que a caracterização física feita por Aristófanes seja realista. Sócrates era uma figura conhecida e o aspecto e postura que assumia tornavam-no um alvo apetecido da paródia e da invectiva pessoal.

²⁴ V. 417.

²⁵ *Banquete* 176c.

²⁶ Perspectiva diferente em Knut Kleve, «Anti-Dover or Socrates in the *Clouds*» *SO* 58 (1983) 23-37.

²⁷ Neste sentido se pronuncia Karavites, *art. cit.*: «In sum, the Athenian — steeped in the tangible beauties of poetry, architecture, music, painting, and sculpture, and so on — regarded Socrates as an unpleasant incongruity, a dissonant note in a society that loved and lived harmony and grace» (68).

Fosse qual fosse o peso que as *Nuvens* tiveram no processo movido contra o filósofo, o certo é que ele foi condenado. O tempo, no entanto, soube fazer-lhe justiça e honrar as palavras finais com que Platão o colocou a fechar a *Apologia* (42a):

Ἄλλὰ γὰρ ἤδη ὄρα ἀπιέναι, ἐμοὶ μὲν ἀποθανουμένωι, ὑμῖν δὲ βιωσομένοις. Ὅπότεροι δὲ ἡμῶν ἔρχονται ἐπὶ ἀμεινον πρᾶγμα, ἀδελον παντὶ πλὴν ἢ τῶι θεῶι.

Mas é chegado já o momento da partida: eu para ir ao encontro da morte, vocês para irem ao encontro da vida. A qual de nós caberá a melhor sorte, ninguém o sabe, a não ser a divindade.